

# Falta de atenção dos alunos: a ciência do desengajamento

A neurociência do desengajamento e os caminhos para trazer o aluno de volta à aula

E-book

# Sumário

## Introdução

---

1 · A atenção não ficou menor. Ela ficou mais disputada.

---

2 · A ansiedade é uma distração invisível

---

3 · Nem todo aluno quieto está engajado

---

4 · O cérebro não presta atenção por obediência

---

5 · As sete portas do desengajamento

---

6 · Cinco caminhos para reengajar o cérebro

---

7 · A aula precisa competir com as distrações cotidianas?

---

8 · Um painel para interpretar comportamentos

---

9 · Engajar não é tornar tudo fácil ou divertido

---

10 · Um plano de reengajamento em quatro passos

---

## Conclusão

---

# Introdução

O professor explica. Alguns alunos acompanham. Outros olham para a janela, conversam, mexem no material, abaixam a cabeça ou simplesmente esperam a aula terminar. Às vezes, o estudante está fisicamente presente, mas parece muito distante dali. Para muitos professores, o desengajamento deixou de ser um problema pontual e passou a fazer parte da rotina.

Isso gera frustração. O professor prepara a aula, busca exemplos, muda a estratégia, tenta chamar a atenção e, ainda assim, parece competir o tempo todo com o celular, as conversas, o cansaço e as preocupações que os estudantes carregam.

A atenção do aluno, porém, não desapareceu. Ela chega à escola cansada, fragmentada e disputada por estímulos externos e preocupações internas. Mensagens, vídeos, notificações, comparações, ansiedade e medo de errar continuam ocupando espaço mesmo depois que o aparelho é guardado.

Diversos estudos mostram aumento das dificuldades relacionadas à atenção, ansiedade e participação dos estudantes. Compreender esse fenômeno deixou de ser apenas um diferencial pedagógico e tornou-se uma competência essencial para qualquer educador.

A Fundação da Gide acredita que compreender como as pessoas aprendem é um dos caminhos mais importantes para fortalecer a prática docente. Este e-book reúne evidências da Neurociência e da Psicologia da Aprendizagem para apoiar professores diante de um dos maiores desafios atuais: o desengajamento dos estudantes.

**A pergunta central não será “Como fazer o aluno gostar de tudo?”, mas “Que condições ajudam o cérebro a entrar, permanecer e participar de uma experiência de aprendizagem?”**

## A atenção não ficou menor. Ela ficou mais disputada.

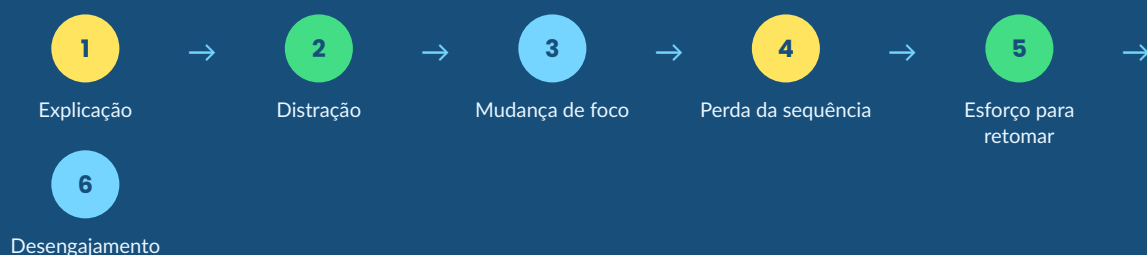
O aluno não entra na sala de aula vindo de um lugar sem estímulos. Antes da primeira explicação do professor, ele pode ter passado por mensagens, vídeos, músicas, jogos, notificações, conversas, notícias, cobranças, comparações e preocupações pessoais. Algumas dessas experiências acabam quando o telefone celular é guardado. Outras continuam ocupando a mente.

Por isso, o desafio atual não é apenas conquistar a atenção, mas receber uma atenção que já chega dividida. A atenção é limitada. Para acompanhar uma explicação, o estudante precisa selecionar a voz do professor, manter informações na memória, relacionar ideias e ignorar o que não importa naquele momento. Cada interrupção pode quebrar esse percurso.

No Brasil, o uso de celulares pelos estudantes é proibido durante as aulas, os recreios e os intervalos, salvo nas situações autorizadas pela legislação, como atividades pedagógicas planejadas, acessibilidade e cuidados de saúde. A restrição não é apenas uma medida disciplinar: ela também busca proteger o ambiente de aprendizagem contra interrupções constantes.

Uma notificação, por exemplo, pode atrair parte da atenção para a possibilidade de existir algo novo: uma mensagem, uma resposta ou uma interação social. Mesmo sem tocar no aparelho, o estudante pode interromper o raciocínio e criar a expectativa de verificar o que aconteceu. Por isso, não basta pedir que o celular permaneça sobre a mesa ou seja usado com moderação. Ele deve seguir as regras definidas pela escola e só voltar à atividade quando houver uma finalidade pedagógica clara.

### O custo invisível de uma interrupção



***“As redes sociais destruíram a atenção desta geração.”***

Essa frase é simples demais. As redes não retiraram do cérebro a capacidade de se concentrar. Jovens ainda conseguem permanecer atentos durante longos períodos quando estão envolvidos em atividades significativas. O que mudou foi o ambiente.

Hoje existem mais oportunidades de interrupção, mais estímulos disponíveis e menos momentos em que a mente permanece sem uma nova informação. O desafio da escola não é consertar um cérebro fragmentado, mas criar condições para que ele consiga selecionar, sustentar e recuperar a atenção.

## A ansiedade é uma distração invisível

Nem toda distração vem do lado de fora. Um aluno pode estar sem celular, olhando para o professor e, ainda assim, incapaz de acompanhar a explicação. A ansiedade também disputa espaço com a aprendizagem. Quando o estudante está preocupado, parte de seus recursos mentais fica ocupada tentando antecipar perigos: E se eu errar? E se rirem de mim? E se eu não conseguir? E se eu for chamado? E se minha nota for ruim? O que estão falando de mim? O que está acontecendo fora daqui?

Esses pensamentos não são apenas um pano de fundo, mas coisas que competem com a tarefa.

A teoria do controle atencional propõe que a ansiedade reduz a eficiência com que dirigimos voluntariamente a atenção e aumenta a influência de estímulos percebidos como ameaçadores. Em vez de concentrar todos os recursos na atividade, o estudante precisa administrar ao mesmo tempo o conteúdo e a preocupação.

*No livro A geração ansiosa, Jonathan Haidt relaciona o avanço da ansiedade entre adolescentes à passagem de uma infância baseada em brincadeiras e convivência presencial para outra fortemente mediada por celulares e redes sociais. Sua tese ajuda a compreender como comparação, vigilância social e conexão permanente podem aumentar preocupações que disputam espaço com a atenção necessária para aprender. A obra é uma referência importante do debate atual, embora suas conclusões não representem consenso absoluto entre os pesquisadores.*

Não é necessário existir um diagnóstico para que uma preocupação consuma parte da atenção disponível. Quando a ansiedade é frequente ou intensa, porém, a situação exige o envolvimento da escola, da família e, quando necessário, de profissionais especializados.

As emoções não são um detalhe da aprendizagem. Elas ajudam o cérebro a definir o que é relevante. Curiosidade, segurança, satisfação e sensação de progresso favorecem o investimento de atenção e esforço. Já o medo intenso, a ansiedade e a ameaça de exposição podem fazer o cérebro priorizar a proteção, deixando menos recursos disponíveis para aprender.

## Nem todo aluno quieto está engajado

O desengajamento nem sempre aparece da mesma forma. Um aluno pode conversar, interromper ou abandonar a atividade. Outro pode permanecer em silêncio, copiar tudo e não pensar sobre nada do que está escrevendo.

Por isso, observar apenas o comportamento não é suficiente. Os estudos sobre engajamento escolar costumam apresentar três dimensões que se relacionam entre si:

### Engajamento comportamental

É o que conseguimos observar mais facilmente. O estudante participa, inicia a tarefa, segue orientações, faz perguntas e persiste quando encontra dificuldade.

### Engajamento emocional

Está relacionado aos sentimentos que a experiência desperta. O aluno pode sentir interesse, curiosidade, pertencimento e confiança. Também pode sentir tédio, medo, irritação, ansiedade ou indiferença.

### Engajamento cognitivo

É o investimento mental na aprendizagem. O estudante compara ideias, busca estratégias, tenta compreender, explica o raciocínio, revê respostas e conecta o conteúdo a conhecimentos anteriores.

Uma pesquisa com estudantes do Ensino Superior descreveu um comportamento comum no desengajamento cognitivo: o aluno se distrai facilmente ou realiza a atividade preocupado apenas em terminá-la, como se o objetivo fosse se livrar da tarefa, e não compreender o conteúdo.

A conclusão rápida do exercício, portanto, não significa necessariamente aprendizagem. Um estudante pode copiar, responder e entregar sem comparar ideias, revisar estratégias ou explicar o próprio raciocínio. O engajamento precisa ser observado não apenas no comportamento, mas também na qualidade do pensamento mobilizado.

## **Terminar não é o mesmo que aprender**

O aluno concluiu a atividade, mas consegue:

- ☒ explicar o raciocínio?
- ☒ justificar uma escolha?
- ☒ corrigir um erro?
- ☒ aplicar a ideia em outra situação?
- ☒ dizer o que aprendeu?

## O cérebro não presta atenção por obediência

Aprender provoca mudanças nas redes do cérebro. Essa capacidade de formar, fortalecer e reorganizar conexões é chamada de neuroplasticidade. Mas essas mudanças não acontecem apenas porque o aluno esteve presente na sala ou ouviu uma explicação.

Para que a aprendizagem aconteça, atenção, memória, motivação e funções executivas precisam trabalhar em conjunto. A atenção seleciona o que será processado, a memória relaciona e armazena informações, a motivação ajuda a sustentar o esforço e as funções executivas permitem controlar impulsos, organizar ações e continuar diante das dificuldades.

Por isso, o aluno pode ouvir a voz do professor e, ainda assim, não processar o conteúdo. Sem atenção suficiente, a informação dificilmente avança para as etapas seguintes da aprendizagem.

A atenção não depende apenas de vontade. Ela é influenciada por fatores como:

- significado;
- novidade;
- expectativa;
- estado emocional;
- dificuldade da tarefa;
- cansaço;
- conhecimentos anteriores;
- sensação de recompensa;
- presença de distrações;

Isso ajuda a entender uma situação comum. O professor apresenta uma explicação importante, mas o aluno não percebe para que aquilo serve, não entende o ponto de partida ou acredita que não conseguirá acompanhar.

Para o professor, aquele conteúdo tem uma finalidade clara, já para o cérebro do estudante, talvez ainda não exista motivo para investir energia.

#### NEUROMITO

***“Os alunos estão viciados em dopamina e, por isso, não conseguem mais aprender.”***

Não funciona dessa maneira. Dopamina não é uma reserva que as redes sociais “gastam”, nem uma substância que impede o cérebro de se interessar pela escola. O que existe é uma disputa entre experiências com diferentes níveis de novidade, retorno rápido, esforço e previsibilidade.

A resposta não é tentar transformar a aula em um aplicativo. É criar motivos mais claros para prestar atenção, participar e perceber progresso.

## As sete portas do desengajamento

O desengajamento raramente tem uma única causa. Dois alunos podem apresentar o mesmo comportamento por razões completamente diferentes. Ambos estão com a cabeça apoiada na carteira. Um dormiu pouco. O outro não entendeu a explicação e está evitando demonstrar dificuldade. Antes de reagir, o professor precisa investigar.

## — Quando o conteúdo parece não ter sentido

O cérebro aprende melhor quando consegue relacionar uma informação nova ao que já conhece. Quando o conteúdo aparece isolado, sem contexto, finalidade ou conexão com experiências anteriores, exige maior esforço para ser compreendido. Isso não significa que tudo precise ter uma aplicação imediata, há conhecimentos importantes cujo valor aparece com o tempo. Mas o estudante precisa enxergar algum caminho de entrada.

Em vez de começar uma aula sobre porcentagem apresentando diretamente a fórmula, o professor pode mostrar duas promoções: Uma loja oferece 30% de desconto. Outra oferece 40 reais de desconto. Em qual delas o produto ficará mais barato?

Antes de conhecer o cálculo, a turma já possui um problema e o conteúdo passa a responder a uma pergunta.

## — Quando a tarefa é difícil demais

A memória de trabalho possui capacidade limitada. Quando o aluno precisa compreender muitas informações novas, lembrar várias orientações e executar diferentes etapas ao mesmo tempo, pode ocorrer sobrecarga. Ele não necessariamente perdeu o interesse, talvez tenha perdido o caminho.

Isso acontece quando o professor:

- apresenta muitas instruções de uma vez;
- utiliza exemplos complexos antes dos básicos;
- explica enquanto o aluno precisa copiar;
- inclui informações visuais que não ajudam;
- espera que conhecimentos anteriores já estejam dominados;
- propõe uma tarefa sem mostrar como começar.

Quando a carga mental supera os recursos disponíveis, a compreensão e a aprendizagem ficam prejudicadas.

#### EXEMPLO

Em vez de entregar uma atividade longa e dizer “façam tudo”, o professor pode dividir:

1. Leia apenas o primeiro parágrafo.
2. Sublinhe a ideia principal.
3. Compare sua resposta com a de um colega.
4. Só depois avance para a segunda parte.

A tarefa continua desafiadora, mas ganhou pontos de apoio.

## — Quando a tarefa é fácil demais

O excesso de dificuldade afasta, mas a ausência de dificuldade também. Quando o aluno já sabe exatamente o que fazer, não precisa escolher estratégias, testar hipóteses ou pensar profundamente. A atividade vira repetição automática.

O cérebro tende a se mobilizar diante de desafios possíveis: algo que exija esforço, mas que não pareça impossível. Um exercício com vinte contas praticamente iguais pode manter o estudante ocupado sem mantê-lo cognitivamente engajado.

Depois de algumas repetições, o professor pode mudar a exigência: Qual destas contas está errada? Descubra o erro e explique como você percebeu.

Agora, o aluno precisa analisar, comparar e justificar.

## — Quando errar parece perigoso

A aprendizagem exige exposição. Para responder, perguntar, testar uma hipótese ou apresentar uma ideia, o estudante corre o risco de errar diante dos outros. Em uma sala marcada por ironias, humilhações ou respostas agressivas, permanecer calado pode ser uma forma de proteção.

O estresse intenso também consome recursos que seriam usados pela memória de trabalho, pelo controle da atenção e pela tomada de decisão. Estudos experimentais mostram que o estresse pode reduzir a atividade de regiões pré-frontais envolvidas nessas funções.

### EXEMPLO

Em vez de perguntar: Quem sabe a resposta?

O professor pode dizer: Pense individualmente por um minuto. Depois, converse com a pessoa ao lado. Em seguida, vamos ouvir algumas possibilidades.

A resposta deixa de ser um salto público e passa a ser construída em etapas.

## — Quando o aluno não se sente parte

A aprendizagem é também uma experiência social. Sentir-se respeitado, reconhecido e incluído interfere na disposição para participar. Relações positivas entre professores e estudantes estão associadas a maior participação em sala e maior satisfação com a escola.

O aluno precisa sentir que sua presença faz diferença. Chamar pelo nome, retomar uma contribuição anterior, distribuir papéis reais em uma atividade e demonstrar interesse por seu raciocínio são gestos pequenos, mas importantes.

## — Quando a atenção está fragmentada

Trocar constantemente de tarefa tem um custo. Quando o aluno alterna entre a explicação, uma mensagem, uma notificação e uma conversa, o cérebro precisa abandonar uma linha de pensamento e reconstruí-la depois. Não se trata de realizar várias tarefas complexas simultaneamente. Na prática, ocorre uma alternância rápida entre focos.

Pesquisas sobre multitarefa com mídias identificam associações entre esse comportamento e pior atenção, memória e desempenho durante a aprendizagem, embora os efeitos variem e não autorizem a conclusão de que toda tecnologia prejudica o cérebro.

A tecnologia pode apoiar a aprendizagem, mas seu uso precisa ter finalidade pedagógica clara e seguir as regras da escola. Como a legislação brasileira proíbe o uso de celulares pelos estudantes durante aulas, o telefone não deve permanecer disponível como uma presença constante na aula.

Quando o uso de ferramenta eletrônica for previsto em uma atividade, é importante delimitar a finalidade, o tempo e o momento de encerramento. O professor pode orientar, por exemplo: “Nesta etapa, utilizaremos o aparelho durante cinco minutos exclusivamente para a pesquisa proposta. Depois, seguiremos a atividade sem o dispositivo, conforme as regras de guarda estabelecidas pela escola.”

## — Quando o corpo não está disponível

Sono insuficiente, fome, dor, calor, ansiedade, sedentarismo e cansaço interferem na capacidade de permanecer atento e regular o comportamento. Pesquisas experimentais com adolescentes mostram que a restrição de sono prejudica alerta, humor e diferentes funções cognitivas. O sono também participa da consolidação da memória.

O professor não consegue resolver sozinho todas essas condições. Também não deve diagnosticar o aluno. Mas pode observar padrões, conversar, comunicar a equipe pedagógica e evitar interpretar toda queda de atenção como desinteresse voluntário.

## Cinco caminhos para reengajar o cérebro

Não existe uma atividade capaz de engajar todos os estudantes o tempo inteiro. O professor pode, porém, aumentar as condições que favorecem atenção, participação, segurança e esforço.

### — Comece com uma lacuna

A curiosidade aparece quando percebemos uma diferença entre aquilo que sabemos e aquilo que desejamos descobrir. Por isso, muitas aulas ganham força quando começam com uma pergunta, uma previsão, um conflito ou uma situação incompleta. Estados de curiosidade têm sido relacionados à ativação de circuitos de recompensa e do hipocampo, favorecendo a formação de memórias.

#### Ciências

Por que uma garrafa gelada fica molhada por fora se ninguém jogou água nela?

#### História

Como uma cidade inteira poderia funcionar sem dinheiro como conhecemos hoje?

#### Língua Portuguesa

Esta manchete informa, convence ou tenta assustar o leitor?

#### Matemática

É possível aumentar o preço de um produto em 20% e depois dar 20% de desconto para voltar ao preço original?

A pergunta de abertura não deve ser apenas chamativa, precisa conduzir ao conteúdo. Uma curiosidade desconectada pode capturar a atenção e desviá-la do objetivo.

## — Torne o propósito visível

Dizer apenas “hoje vamos estudar equações” informa o assunto, mas não o propósito. O cérebro se mobiliza melhor quando entende o que deverá ser capaz de fazer.

Compare: Hoje estudaremos gráficos.

Com: Ao final da aula, você deverá conseguir olhar para um gráfico e perceber quando ele tenta induzir o leitor ao erro.

O segundo objetivo cria uma ação e o aluno não será apenas apresentado a um conteúdo. Usará esse conhecimento para resolver alguma coisa.

## — Faça o estudante produzir, não apenas receber

Ouvir uma explicação pode ser necessário. Mas receber informação de forma contínua não garante processamento profundo. A aprendizagem ativa envolve alguma produção mental: responder, prever, comparar, explicar, recuperar, testar ou decidir.

Uma ampla análise de estudos em áreas de ciência, tecnologia, engenharia e Matemática encontrou melhor desempenho acadêmico em abordagens de aprendizagem ativa do que em aulas exclusivamente expositivas. Isso não significa eliminar a explicação do professor, mas intercalar explicação e ação.

### EXEMPLO

Depois de explicar um conceito por oito minutos, o professor pode interromper: Feche o caderno. Em dupla, expliquem o conceito usando apenas três frases.

Quando o aluno precisa recuperar e reconstruir uma informação, fortalece os caminhos de acesso à memória. A prática de recuperação apresenta benefícios consistentes para a retenção e a aprendizagem significativa.

## — Ajuste o tamanho do desafio

Uma boa atividade não é aquela que o aluno resolve sem esforço e nem aquela que o paralisa. O professor pode reduzir a distância entre o estudante e a tarefa oferecendo apoios temporários:

- exemplo resolvido;
- instruções divididas;
- palavras-chave;
- esquema visual;
- primeiro passo indicado;
- trabalho em dupla antes da resposta individual;
- tempo para pensar;
- níveis progressivos.

## — Mostre progresso e ofereça feedback

Uma tarefa longa pode parecer distante demais. Por isso, dividi-la em marcos torna o avanço visível. Em vez de esperar o final do trabalho para dizer apenas “certo” ou “errado”, o professor pode mostrar o que já foi conquistado e qual é o próximo passo.

Pequenas experiências de avanço alteram a expectativa de sucesso e ajudam a sustentar o esforço.

## A aula precisa competir com as distrações cotidianas?

Retirar o celular da sala não elimina todas as distrações. A atenção do estudante também pode estar dividida por conversas, ruídos, cansaço, fome, ansiedade, conflitos, medo de errar e preocupações que começaram fora da escola. Mesmo depois que o aparelho é guardado, a expectativa por mensagens, as comparações vividas nas redes e os acontecimentos do cotidiano podem continuar ocupando espaço na mente.

Por isso, a aula não compete apenas com uma tela. Ela acontece em um ambiente no qual existem mais estímulos disputando atenção e menos momentos de pausa.

Aplicativos e redes sociais oferecem novidades frequentes, respostas rápidas e mudanças contínuas de conteúdo. Já a aprendizagem exige outra relação com o tempo: sustentar uma pergunta, enfrentar dificuldades, conviver com dúvidas, testar possibilidades e esperar até que o esforço produza algum resultado.

A resposta da escola não deve ser imitar a velocidade das plataformas. Trocar de vídeo, jogo, imagem ou atividade a cada poucos minutos não garante engajamento. Pode apenas acrescentar estímulos a uma atenção que já chega fragmentada. Recursos digitais podem enriquecer a aula, desde que tenham uma função pedagógica clara e não sejam utilizados apenas para evitar qualquer momento de silêncio, espera ou esforço.

### Um possível ritmo para uma aula de 50 minutos

| Momento   | Função           | Exemplo                                       |
|-----------|------------------|-----------------------------------------------|
| 0–5 min   | Abrir uma lacuna | Pergunta, caso ou previsão                    |
| 5–10 min  | Mostrar direção  | Objetivo e conhecimentos prévios              |
| 10–20 min | Construir base   | Explicação curta com exemplos                 |
| 20–32 min | Fazer pensar     | Problema, comparação ou produção              |
| 32–40 min | Dar retorno      | Discussão e feedback                          |
| 40–47 min | Transferir       | Aplicação em situação nova                    |
| 47–50 min | Recuperar        | “O que você consegue explicar sem consultar?” |

## Um painel para interpretar comportamentos

O mesmo comportamento pode esconder mecanismos diferentes. Antes de classificar o aluno como desinteressado, vale formular uma hipótese e testá-la.

O quadro não deve ser usado para diagnosticar, mas é uma ajuda para substituir julgamentos rápidos por perguntas melhores.

### Painel de leitura de comportamentos

| O que aparece                 | O que pode estar acontecendo                                                       | Como o professor pode intervir                                                                         |
|-------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Não começa a atividade        | Pode não ter entendido o primeiro passo                                            | Pergunte "O que você precisa fazer primeiro?" e divida a instrução em etapas menores.                  |
| Desiste rapidamente           | Pode ter baixa expectativa de sucesso                                              | Pergunte "Qual parte você consegue fazer?" e crie uma etapa inicial mais acessível.                    |
| Conversa durante a explicação | A participação pode estar passiva ou a interação social parece mais recompensadora | Pense em como envolver a dupla e atribua tarefas ou papéis definidos.                                  |
| Copia sem compreender         | Pode ter medo de errar ou estar preocupado apenas em concluir a entrega            | Peça que explique o conteúdo com as próprias palavras e faça perguntas de recuperação.                 |
| Fica em silêncio              | Pode estar pensando, ansioso ou desconectado                                       | Pergunte "Prefere escrever antes de falar?" e ofereça tempo de preparação.                             |
| Erra por distração            | Pode estar enfrentando sobrecarga ou alternância constante de atenção              | Pergunte "Quais informações são essenciais?" e reduza estímulos e etapas.                              |
| Demonstra irritação           | Pode estar cansado, frustrado ou sentindo sua autoestima ameaçada                  | Pergunte "O que tornou a tarefa difícil?", acolha a resposta e reorganize o desafio.                   |
| Termina tudo muito rápido     | A tarefa pode estar abaixo do seu nível de domínio                                 | Pergunte "Como você provaria sua resposta?" e acrescente análise, justificativa ou uma nova aplicação. |

## Engajar não é tornar tudo fácil ou divertido

Há uma diferença entre prazer e satisfação. O aluno pode sentir prazer imediato ao assistir a um vídeo curto. Pode sentir satisfação ao resolver, depois de algum esforço, um problema que parecia difícil.

A aprendizagem exige esforço cognitivo. Curiosamente, esse esforço pode fazer o estudante acreditar que aprendeu menos, mesmo quando aprendeu mais.

Em um experimento comparando aulas ativas e expositivas, estudantes em aulas ativas apresentaram maior aprendizagem, mas relataram menor sensação de aprendizagem. A atividade exigia mais esforço e, por isso, parecia menos fluida.

Esse achado traz uma lição importante: nem todo desconforto é desengajamento.

Pensar cansa. Revisar uma hipótese pode frustrar. Tentar antes de receber a resposta gera incerteza.

O professor não precisa retirar toda dificuldade, mas precisa mostrar ao aluno por que aquele esforço vale a pena e oferecer condições para que ele avance. O objetivo não é produzir uma aula em que ninguém sinta tédio, dúvida ou cansaço. É evitar que essas sensações se transformem em abandono.

## Um plano de reengajamento em quatro passos

O desengajamento não será resolvido com uma atividade isolada. É mais útil observar, testar e ajustar pequenas mudanças.

1

### 1. Escolha um comportamento

Evite começar com uma impressão ampla, como “Minha turma não se interessa por nada.”

Transforme em algo observável: “Metade da turma demora mais de cinco minutos para iniciar as atividades individuais.”

2

### 2. Investigue a barreira

- A instrução está clara?
- Os alunos dominam o conhecimento anterior?
- A tarefa parece possível?
- O objetivo está visível?
- Há medo de errar?
- O ambiente está cheio de distrações?

3

### 3. Teste uma mudança

Escolha apenas uma intervenção.

- mostrar um exemplo antes da atividade;
- começar com uma pergunta;
- dividir a tarefa em três etapas;
- permitir uma conversa em dupla;
- oferecer duas opções de produto;
- finalizar com recuperação sem consulta;
- apresentar feedback no meio do processo.

4

### 4. Observe evidências

Não avalie apenas se os alunos “gostaram”. Observe se:

- começaram mais rapidamente;
- permaneceram por mais tempo;
- fizeram perguntas;
- explicaram o raciocínio;
- revisaram respostas;
- pediram ajuda de forma mais específica;
- conseguiram recuperar o conteúdo depois;
- aplicaram o conhecimento em outra situação.

**Engajamento não é um evento. É uma condição construída.**

## Conclusão

O aluno desengajado não é um cérebro desligado, mas um cérebro que está priorizando outra coisa. Pode ser uma preocupação, uma conversa, uma notificação ou a ausência de significado.

A Neurociência não oferece uma fórmula capaz de fazer todos prestarem atenção. Também não transforma o professor em responsável por resolver sozinho todos os fatores que interferem na aprendizagem. Ela oferece uma mudança de perspectiva.

Em vez de perguntar apenas “Por que ele não quer aprender?”, podemos perguntar “O que, nesta experiência, está dificultando o investimento de atenção, emoção e esforço?”

O professor não controla completamente a atenção do aluno, mas pode influenciar as condições em que ela acontece tornando o objetivo mais claro, ajustando o desafio e criando curiosidade.

Engajar não é disputar com todos os estímulos do mundo. É ajudar o estudante a perceber que, naquele momento, existe algo que vale a pena compreender.

E compreender por que os alunos se desengajam é apenas o primeiro passo. O verdadeiro desafio é transformar esse conhecimento em estratégias que façam diferença no cotidiano da sala de aula.



## Você conhece a Academia Gide?

Na Academia Gide, você encontra cursos, formações e conteúdos desenvolvidos para apoiar professores e educadores na construção de práticas pedagógicas fundamentadas em evidências, com aplicações práticas para os desafios da educação contemporânea.

Acesse a Academia Gide e continue sua jornada de aprendizagem:

**[academiagide.fdg.org.br](https://academiagide.fdg.org.br)**